

No que o Brasil é melhor?

UMA CLASSIFICAÇÃO SOBRE OS PAÍSES MAIS COMPETITIVOS TRAZ BOAS E MÁS SURPRESAS

CARLOS ALBERTO SARDENBERG

No que o Brasil é bom, além do futebol? Samba não vale. É coisa nossa e assim não dá para comparar com outros países.

Mas não adianta quebrar a cabeça, você não vai acertar. A resposta é: o Brasil é bom de governo, pelo menos segundo o World Competitiveness Yearbook (WCY), publicação do reconhecido instituto suíço de ensino e pesquisa em administração, o Institute for Management Development.

Na classificação dos 47 países

mais competitivos de 1998, divulgada agora em abril, o Brasil ocupa um modesto 35º lugar. Entre os emergentes, ficamos no meio. Há 12 países na nossa frente, incluída a Argentina, por pequena margem, e 12 atrás, aqui incluindo o México.

Os critérios para essa medida estão agrupados em oito itens – economia local, internacionalização, governo, infra-estrutura, finanças, ciência e tecnologia, administração e população –, cada um subdividido em vários aspectos.

A melhor nota do Brasil foi no critério governo. A pior, no quesito população.

Não é interessante? É bem o contrário da percepção do senso comum brasileiro: que somos um povo bom, com uma droga de governo.

Na classificação deles, avalia-se o povo conforme os seguintes itens: características da população em geral e da força de trabalho, emprego (número e qualidade), desemprego, estrutura educacional, qualidade de vida, atitudes e valores.

Tudo considerado, o WCY colocou-nos em 41º lugar. Piores que a gente, apenas os turcos, colombianos, indianos, filipinos, indonésios e sul-africanos.

É desagradável, mas mesmo aqui, pelo que se vê todo dia na imprensa, temos nos atribuído notas ruins naqueles quesitos. Há graves problemas em educação e, em consequência, na força de trabalho. Os níveis de desemprego são elevados e há muito emprego informal, de má qualidade. A qua-

lidade de vida é ruim nas regiões metropolitanas.

Este colunista não tem detalhes, mas devemos ter alcançado boas notas em atitudes e valores. Pelo menos, pesquisas locais mostram uma população otimista em relação ao futuro, o que denota uma atitude, digamos, positiva em relação à vida. E deve haver um pouco de verdade naquelas histórias de povo pacífico, bem humorado, cordial, etc...

E quanto ao quesito governo? Os critérios incluem: dívida nacional, gasto público, políticas fiscais, eficiência, envolvimento do Estado, justiça e segurança.

Como era de se esperar, fomos mal em dívida e gasto público. O relatório também registra a “inabilidade dos políticos” para executar reformas fiscais no ano passa-

do.

Mas o Brasil vai bem nos quesitos institucionais, por assim dizer. Apesar das CPIs em curso, a verdade é que o Judiciário e especialmente a área econômico-financeira do governo federal têm prestígio internacional.

Temos razão para reclamar da lentidão da Justiça, do nepotismo e da corrupção aqui e ali, mas todo mundo, brasileiro e estrangeiro, sabe que não se compram sentenças no Brasil.

E quem acompanha os foros internacionais sabe do respeito com que são tratadas as autoridades econômicas, tanto no quesito ética quanto no de competência profissional. Os sistemas de administração das contas públicas brasileiras são modelos copiados em diversos países.

Temos notas ruins na segurança – e as nossas polícias são reprovadas em tudo – e esse é o maior problema institucional.

Mas as eleições são honestas, os poderes da República funcionam, a democracia é estável, a imprensa é livre. Em resumo, ao contrário do que ocorre em boa parte dos emergentes, aqui ninguém precisa ser amigo do rei para estabelecer-se e fazer bons negócios. E é por isso que o País foi bem nesse item na classificação do WCY.

Isso posto, pode-se imaginar a reação de muitos leitores: se é as-

sim, por que a imprensa, sobretudo nestes dias, só se interessa por escândalos?

Ocorre que a imprensa está preferencialmente de olho no que as autoridades fazem de errado, já que fazer o certo não é mais que a obrigação. Isso é assim no mundo todo, mesmo porque o público dá mais ibope para essas notícias diárias negativas.

Mas isso é tema para outro dia. Por hoje, interessa acrescentar que listas como a do WCY são sempre problemáticas. Como comparar países tão diferentes? – é o que sempre se pergunta, com boa dose de razão.

Pensando bem, entretanto, não é tão difícil. Claro que cada povo tem suas maneiras, mas estudar, por exemplo, tem de ser igual em toda parte. Assim, se o aluno bra-

sileiro tem menos dias letivos e menos horas de aula por dia do que o coreano, por exemplo, isso não é modo brasileiro, mas deficiência, vagabundagem.

Se temos mais férias e feriados que os concorrentes, também está errado. Se os tribunais funcionam mais horas e mais dias, os processos andariam mais rápido – e isso eliminaria um dos pontos negativos da economia brasileira: o tempo e o custo de resolver as pendências.

Tudo considerado, essas comparações internacionais falham neste ou naquele ponto, mas acabam por acertar no quadro geral. Em todo caso, confira você mesmo a classificação da WCY.

■ Carlos Alberto Sardenberg é jornalista
e-mail: sarden@itanet.com.br

COMPETITIVIDADE MUNDIAL

Ranking WCY dos países mais competitivos

País	Nota	País	Nota
ESTADOS UNIDOS	100,00	Chile	69,40
Cingapura	86,40	Hungria	67,80
Finnlândia	82,96	Malásia	66,84
Luxemburgo	81,20	Portugal	63,46
Holanda	81,06	China	62,58
Suíça	80,11	Itália	62,22
Hong Kong	79,67	Grécia	61,02
Dinamarca	77,53	Filipinas	59,98
Alemanha	76,72	Argentina	57,18
Canadá	76,47	Tailândia	55,05
Irlanda	76,36	Brasil	53,76
Austrália	76,18	México	53,08
Noruega	74,38	Turquia	52,57
Suécia	74,29	Coréia	52,05
Inglatera	74,20	Índia	49,95
Japão	73,92	Eslovênia	49,88
Islândia	72,73	República Checa	48,80
Taiwan	72,08	África do Sul	48,36
Áustria	71,34	Colômbia	48,08
Nova Zelândia	71,24	Polônia	47,80
França	70,76	Indonésia	46,96
Bélgica	70,14	Venezuela	41,98
Espanha	69,40	Rússia	37,78
Israel	67,80		

Fonte: Institute for Management Development